

A DIVERSIDADE DE IDADES ENTRE ALUNOS NA MESMA SALA DE AULA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - CEJA DE CANOINHAS

Rosi Margarete Dranka de Paula e Silva¹

RESUMO

Percebe-se atualmente uma mudança no perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, há uma crescente entrada de alunos cada vez mais jovens nesta modalidade. Esta mudança trouxe uma nova situação nas salas de aula da EJA; é possível encontrar na mesma turma alunos com idades que variam entre 18 até 60 anos ou mais. Diante deste contexto o presente artigo tem como objetivo investigar estratégias que visem o atendimento das necessidades formativas destes estudantes, investigando a existência de grupos com faixas etárias diversas, e a existência de conflitos. Como alunos e professores encaram, e usam estas diversidades como estratégias no processo de ensino aprendizagem. Para atingir os objetivos a metodologia utilizada além da revisão bibliográfica, foram os questionários, aplicados a uma turma com dezessete alunos e três professores do Ensino Médio no Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA de Canoinhas. A pesquisa constatou que as diferenças etárias não provocam conflitos negativos. Os alunos se respeitam e compartilham suas histórias de vida. A troca de experiências permite um envolvimento entre eles, diminuindo a evasão escolar. Os professores trabalham esta nova situação como estratégias de enriquecimento das aulas, proporcionando principalmente aos alunos mais novos, um amadurecimento com os mais velhos, permitindo que busquem o resgate da sua cidadania. Verificou-se que as necessidades formativas não são prejudicadas com estas diversidades, porém o professor precisa ter criatividade para adequar o contexto aliado aos saberes que o aluno traz consigo, valorizando e acolhendo os alunos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Estratégias. Diferenças etárias. Conflitos.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos - EJA, sendo uma modalidade de Educação Básica, apresenta uma trajetória de desafios. Porém, essa modalidade de educação, por muito tempo, não se apresentou como prioridade educacional, sendo entendida e tratada apenas como política compensatória direcionada a suprir a perda de escolaridade em idade própria.

O Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA de Canoinhas, foi instituído pela Lei Complementar nº 170/98 do Sistema Estadual de Educação, garantindo direitos e deveres preconizados pela Constituição Federal (1988), Constituição Estadual, Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), Lei de Diretrizes e Bases - LDB (nº 9.394/96), parecer nº 405 de 14 de dezembro de 2004 do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina e Resolução nº 076 de 2004 (CEE/SC). Tem como entidade mantenedora o Governo do Estado

de Santa Catarina, vinculado ao Sistema Estadual de Ensino, juntamente com a Gerência de Educação de Jovens e Adultos (GEREJ) e 26ª Gerência de Educação (GERED) (CEJA, 2014).

Até o ano de 2009, a clientela atendida pelo CEJA caracterizava-se por alunos adultos a partir de 18 (dezoito) anos para o Ensino Fundamental e de 21 (vinte e um) anos para o Ensino Médio. Mas a partir de 2010 a Resolução n.3/2010, que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos, diminuiu a idade mínima para ingressar na EJA em 3 (três) anos, sendo portanto 15 (quinze) anos para o Ensino Fundamental e 18 (dezoito) anos para o Ensino Médio (RAMOS; BREZINSKI, 2014), trouxe para o CEJA de Canoinhas, uma mudança nas características etárias dos alunos, que agora podem iniciar seus estudos na EJA com 15 (quinze) anos (ensino fundamental), e 18 (dezoito) anos (ensino médio).

A turma de alunos do CEJA de Canoinhas, objeto deste estudo, forma um grupo com diversas faixas etárias, histórias de vida, culturas e interesses diferentes. Esses motivos devem ser levados em consideração, para verificação sobre novas estratégias para as práticas de ensino dentro da sala de aula na educação de jovens e adultos, e uma reflexão sobre essa heterogeneidade cultural, do confronto entre diferentes culturas, e nas diferentes capacidades e desempenho intelectual dos alunos.

O objetivo geral deste artigo delimitou-se em apresentar estratégias que visem o atendimento das necessidades formativas de estudantes de EJA de diferenças na idade. Para atingir tal objetivo, buscou-se investigar a existência de grupos de idades entre 18 a 50 anos em uma mesma turma do ensino médio no Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA de Canoinhas.

Investigou-se, se a existência de conflitos entre as diferentes faixas etárias constitui motivo para a desistência dos alunos. Investigou-se como o professor de EJA trabalha com os estudantes de diferentes idades na mesma sala de aula, e também investigou-se estudos precedentes relacionados à estratégias de ensino voltadas ao atendimento da diversidade de idades.

A Fundamentação Teórica buscou na colaboração de Paulo Freire (1987), além de vários autores que trazem estudos relacionados a alunos jovens e adultos, que procuram a EJA em busca do resgate de sua autoestima e cidadania. Sendo que a diminuição da idade mínima para ingressar na EJA é uma preocupação observada em trabalhos de vários autores como: Haddad e Di Pierro (2000), Krawczyk (2009), Ramos e Brezinski (2014), Kern e Aguiar

(2014), Rodrigues e Silva (2014), Leite e Gazoli (2012), Zandonai (2009), Gadotti (2014), entre outros.

A socialização entre alunos de várias faixas de idades pede muita atenção pelos professores, pois esta nova situação na EJA, quando não explorada com sabedoria e muita mediação, pode acarretar conflitos negativos ocorrendo a desistência de alunos e professores. A preocupação de que a EJA, pode se distanciar do seu objetivo de atendimento com a diminuição da idade para o ingresso, podendo ser um entrave no processo de ensino-aprendizagem, é comum a vários autores citados neste artigo.

A metodologia apresenta este artigo como um estudo de caso de caráter qualitativo e quantitativo realizado no Centro de Educação de Jovens e Adultos- CEJA de Canoinhas, em uma turma de Ensino Médio diurno em que a diversidade de faixas etárias é evidente. Foram utilizados questionários aos alunos e professores da referida turma para alcançar os objetivos da pesquisa.

O presente artigo apresenta grande relevância teórica por trazer a discussão de uma situação que se apresenta na EJA, que é a existência de diversas faixas etárias nas salas de aula. O intuito em apresentar esta situação é ajudar a modalidade no enfrentamento desta situação, apontando estratégias de atendimento para a diversidade de idades.

Sua relevância social figura em mostrar que a modalidade de EJA não pode perder sua finalidade. Conseguindo cativar seus alunos para que estas diferenças etárias possam ser usadas como uma estratégia, onde a interação em sala de aula permita que a troca de experiências entre alunos mais velhos, mais novos e professores, possa ser utilizada positivamente no processo de ensino e aprendizagem de jovens e adultos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo dos últimos anos a legislação educacional que regulamenta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem buscado a elevação da escolaridade da população brasileira. Para tanto, os documentos que se referem a essa modalidade procuram atender aos anseios de um público que vê a volta aos estudos como uma possibilidade de ascensão no mundo do trabalho, senão a única forma para isso. O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), por exemplo, é uma política pública instituída no Brasil e que representa um

caminho interessante para quem quer completar a educação básica e estar mais preparado para o trabalho.

A Educação de Jovens e Adultos passou a ter essa denominação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996, quando substituiu o Ensino Supletivo. Essa mudança foi extremamente importante para a valorização da modalidade, que passou a deixar de lado a ideia de que a EJA tinha como objetivo a suplência, a recuperação das séries perdidas. A LDB de 1996 possibilitou que a EJA, como modalidade da Educação Básica com características próprias, tivesse a sua organização de ensino de forma mais flexível e compatível com o público a ser atendido (RAMOS; BREZINSKI, 2014).

Todos os avanços em relação à Educação de Jovens e Adultos não encerram os problemas que envolvem essa modalidade. A indefinição do público-alvo a ser atendido pela EJA, por exemplo, pode representar um entrave para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Isso porque a LDB de 1996 rebaixou a idade mínima de ingresso na modalidade; passou de 18 (dezoito) para 15 (quinze) anos para o Ensino Fundamental, e de 21 (vinte e um) para 18 (dezoito) anos para o Ensino médio. (HADDAD; DI PIERRO, 2000). Têm-se, assim, na mesma sala, alunos que voltaram aos estudos depois de anos fora da escola, com o intuito de buscar uma vida melhor por meio do estudo e, dessa forma, resgatar a cidadania; e alunos extremamente jovens que, muitas vezes, estão frequentando a escola, mas com certa defasagem de idade em relação ao ano escolar, e outros que pararam de estudar por um curto período de tempo, mas que ainda não perderam a identidade de aluno da Educação Básica. Desse modo, certamente a maneira como é feita a formação de jovens e adultos não reflete os objetivos da modalidade, visto que a ideia não é compensar a educação básica perdida anteriormente, mas sim buscar formas de atender às necessidades formativas dos jovens e adultos afastados da escola. Assim, “as políticas de formação de pessoas adultas deverão ser necessariamente abrangentes, diversificadas e altamente flexíveis.” (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 70).

Também nesse sentido, Haddad e Di Pierro (2000) afirmam que a Educação de Jovens e Adultos, que tinha como objetivo primeiro democratizar a formação de adultos trabalhadores, tem perdido a sua identidade quando cumpre a função de aceleração de estudos de jovens com defasagem série-idade e regularização do fluxo escolar.

Esse aumento de alunos tão jovens na EJA reflete sérios problemas sociais e educacionais no Brasil. O desafio da EJA, atualmente, vai além de expandir as vagas para

jovens e adultos analfabetos, que nunca frequentaram a escola ou que estão há muito tempo longe da sala de aula; a problemática está também no fracasso escolar de milhares de adolescentes e jovens que não encontraram sentido nos processos de ensino e aprendizagem nos bancos escolares regulares (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

Infelizmente, dados que se referem à educação no Brasil ainda são desanimadores, apesar de o país ter evoluído de maneira considerável nas últimas décadas principalmente em relação à queda da taxa de analfabetismo. De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), apenas 57,2% dos jovens de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos apresentam formação completa no Ensino Fundamental, ou seja, pouco mais da metade dos adolescentes no Brasil acaba essa etapa do Ensino Básico nessa faixa etária. Ainda de acordo com o estudo, o Brasil é um dos campeões da evasão escolar no mundo e nossos resultados em testes de conhecimentos estão entre os piores (PNUD, 2013).

No CEJA de Canoinhas, o aluno não é tratado como evadido, e sim como desistente temporário, sendo que nesta modalidade de ensino a conclusão do curso se apresenta através da conclusão das disciplinas e não por série/ano. Por isso o aluno pode concluir o Ensino Médio em 2 (dois) anos, com 3 (três) disciplinas em cada semestre, frequentando 4 (quatro) períodos na semana, quando não tem desistências, ou ao seu tempo, sendo que as disciplinas do Ensino Médio tem a duração de 1 (um) semestre.

O aluno que vem para o CEJA em busca da conclusão de seus estudos, desiste várias vezes, principalmente por não conseguir conciliar seus horários de estudos com o trabalho, sendo que a maioria dos alunos são trabalhadores. Retornando em um curto tempo para uma nova tentativa de prosseguir de onde parou. Dados nesta pesquisa mostram esta realidade, ao constatar que os alunos desistem pelo trabalho, e retornam aos estudos pelo mesmo motivo (o trabalho). Outro dado evidente atualmente no CEJA é o aumento de alunos mais jovens nas turmas, podendo ser constatado que alunos na faixa etária entre 18 (dezoito) a 22 (vinte e dois) anos chegam a assumir 35% das turmas de Ensino Médio, e os outros 75% são distribuídos entre as faixas de 29 (vinte e nove) a 50 (cinquenta) anos ou mais.

Parece óbvio para muitos que a formação na Educação Básica é uma etapa importantíssima para o desenvolvimento das pessoas. Como, então, explicar esse contrassenso? Sabe-se que a partir do estudo há a possibilidade de alcançar melhores vagas de emprego e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, todavia muitos jovens abandonam (ou são permitidos por seus pais a abandonarem) o estudo porque querem

trabalhar, ter um ganho extra para ajudar a família ou, simplesmente, para ter dinheiro que possibilite a aquisição de objetos de desejo, como roupas e celulares.

É claro que esse não é o único motivo para a evasão escolar; muitas são as causas que levam adolescentes a desistir da escola, mas parece que isso acontece muito facilmente no Brasil. Qualquer motivo é um bom motivo para largar a escola, fazendo com que o país apresente uma taxa de evasão que supera os 24%, ao contrário do que ocorre em outros países da América do Sul, como a Argentina (6,2%), Uruguai (4,8%) e O Chile (2,6%) (PORTAL BRASIL, 2013).

É certo que para alguns grupos deixar de concluir o ensino básico é algo impensável, a problemática reside nos grupos para os quais a educação básica não faz parte do que lhes é importante cultural e socialmente, nem de sua experiência familiar e, desse modo, esses jovens, geralmente não são incentivados, nem cobrados para continuar os estudos (KRAWCZYK, 2009).

Portanto, é necessário investigar qual é a imagem que os adolescentes têm a respeito do estudo e se essa imagem muda quando passam a frequentar a EJA. Qual é a importância que eles dão à escola, o que esperam dela e o que acham que o estudo possibilita para suas vidas, são questões que podem direcionar políticas educacionais para agirem em prol da valorização do meio escolar e do ato de estudar, a fim de que todos encontrem nos estudos algo significativo para sua existência.

O que se observa atualmente no Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA de Canoinhas, é que as turmas já não são mais compostas apenas por chefes de famílias, donas de casa, enfim, pessoas que depois de adultas decidem valorizar-se através do estudo, que por inúmeras razões ficaram na expectativa de uma chance para recomeçar.

A partir da Resolução n.3/2010, que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos, a qual substituiu o termo supletivo por “EJA” e diminuiu a idade mínima para ingressar na EJA para 15 anos para o Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio (RAMOS; BREZINSKI, 2014), as salas de aulas da EJA passaram a compor-se de uma variedade de idades que vão desde os 15 até 50 anos ou mais, ocorrendo assim uma diversidade de comportamentos, geradores de conflitos de vivências e responsabilidades.

Este cenário de diversidade que agora faz parte da EJA “[...] revela as múltiplas raízes sociais, culturais e políticas que possibilitam os diálogos entre esses, em especial na sala de aula”(KERN; AGUIAR, 2014, p. 26).

O aluno adolescente vem para a EJA com uma visão de que não precisa ter comprometimento com os estudos, onde a frequência não é cobrada, e que o curso é muito rápido. Mas ao iniciar seus estudos na EJA, encontra alunos adultos que lá estão para recuperar o seu conhecimento, então ele se depara com uma situação de convivência escolar diferente de sua realidade anterior, o que facilita a geração de conflitos e “tensão a que se expõe por ser diferente, nas relações democráticas em que se promovem. [...] por se achar construindo, criando, produzindo a cada passo a própria multiculturalidade que jamais estará pronta e acabada” (FREIRE, 1992, p. 156 *apud* ZANDONAI, 2009, p. 7).

O aluno adulto traz consigo uma bagagem repleta de experiências adquiridas dentro e fora da escola, através das suas vivências pessoais, de trabalho, das experiências de outras pessoas e em frequências escolares anteriores, pois, a escola não é a detentora do saber, o que faz com que o ensino mútuo entre professor e aluno seja mais amplo quando ambos têm grande liberdade para compartilhar experiências. Neste sentido “a validação do que eles aprenderam fora dos bancos escolares deve ser considerada. Isso implica na possibilidade de utilização de tempos e espaços diferenciados daqueles utilizados no ensino dito regular” (LIMA, 2014, p.63).

O professor que trabalha com jovens e adultos, muitas vezes se depara com situações complexas, onde o aluno deposita no professor sua confiança para que lhe mostre a solução de seus problemas, às vezes até como mediador de sua paz. Por isso o professor de EJA deve estar preparado para situações distintas do ensino regular. Na EJA ele precisa interagir mais com o aluno, utilizando suas vivências em suas aulas, para ajudar o aluno, e aprender com ele também. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 29).

O diálogo entre professor e aluno de EJA, é importantíssimo para que haja um processo de socialização. “Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação, não é uma doação ou uma imposição-um conjunto de informes a ser depositado nos educandos” (FREIRE, 1987, p.47). A troca de informações aproxima educando e educador favorecendo um entendimento entre as partes, facilitando até mesmo ao professor (re) organizar seus conteúdos que passará aos alunos.

A socialização entre os alunos de diferentes faixas etárias em uma mesma sala de aula de EJA é uma situação que exige muita atenção por parte dos professores, direção e funcionários. A diversidade de opiniões pode causar conflitos negativos entre os alunos, e para que isto não ocorra, a promoção de diálogos entre a turma é importantíssimo, pois, “respeitar

e conviver possuem sentidos diferentes e que, no espaço escolar, o respeito pode haver sem nenhuma interação, ou seja, apesar de não concordar com a outra pessoa, é importante respeitar o jeito dela” (RODRIGUES; SILVA, 2014, p.39).

A palavra “respeito” na educação de jovens e adultos envolve uma amplitude maior do que se imagina, a multiplicidade de idades traz consigo outras diversidades, como costumes comportamentos, sexualidade, etnia, raças e outros interesses, fatos esses, que contribuem para que muitos alunos se sintam discriminados dentro da sala de aula. Os alunos mais velhos sentem-se muitas vezes como se os alunos adolescentes estivessem invadindo seu espaço, facilitando assim a evasão dos mais velhos. Neste sentido a escola precisa fazer uso de estratégias de acolhimento para estimular no grupo um clima de convivência e afeto, instigando entre os alunos o diálogo para que aconteça um enriquecimento de conhecimento com a troca de experiências entre os alunos e entre alunos e professores. (LEITE; GAZOLI, 2012).

As existentes diferenças individuais implicam em maneiras e ritmos diferentes no processo de aprendizagem, situação que pode se tornar um potente desencadeador de atritos entre um grupo de alunos, por isso o trabalho de mediação para impedir que cada divergência termine em conflito deve ser constante. Zandonai (2009, p. 8) comenta que os conflitos devem ser encarados “[...] com naturalidade, estimulando os valores, a tolerância, a igualdade e criando um juízo crítico, estimulando uma capacidade para inovar com a procura de novas soluções”.

Este cenário que se apresenta na EJA, com a existência de múltiplas faixas etárias em uma mesma sala de aula, poderá ser explorada para beneficiar as aulas, pois a troca de informações e vivências pode propiciar um crescimento de saberes culturais entre os alunos mais velhos e os mais novos. O professor poderá usar esta situação como um caminho a mais, juntamente com as disciplinas no repasse de conhecimento e troca de saberes. O interesse dos alunos pode resultar em um ambiente mais interativo visando uma aprendizagem que os valorize como cidadãos, possibilitando também neste contexto, o resgate de sua autoestima.

Desta forma na educação de adultos, “o educador já não é mais o que educa, mas o que, enquanto educa é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos” (FREIRE, 1987, p. 39).

O sistema de avaliação é um fator determinante para a permanência do aluno de EJA, sendo que a aprendizagem para o adulto mostra-se de uma forma diferenciada para cada aluno, não apenas nos espaços escolares, deve ser levada em conta esta bagagem adquirida em

sua vida. Neste contexto a avaliação não deve privilegiar uma polarização entre aprovado e reprovado, deve promover no aluno a busca de novas aprendizagens, “Evidencia-se que a avaliação tem como função priorizar a qualidade e o processo de aprendizagem, isto é, o desempenho do aluno ao longo do período letivo” (Brasil, 2007, p. 53).

Em todas as disciplinas do Ensino Fundamental e Médio do CEJA, a avaliação é feita pela observação constante do aluno, pela sua frequência, participação, aplicação de exercícios avaliativos, trabalhos individuais, atividades em grupo e demais formas que se mostrarem aconselháveis e compatíveis com os cursos. Leva em consideração a educação na sua totalidade, em que o professor e o aluno são sujeitos dos processos de ensino e aprendizagem, a fim de capacitar o indivíduo a encontrar alternativas para as soluções dos problemas do dia a dia. O Ensino no CEJA é dividido por blocos/etapa semestral e bimestral, e o aluno é considerado aprovado ao atingir média igual ou superior a 7,0 (sete vírgula zero), sendo permitida nota quebrada, como por exemplo: 7,5 (sete vírgula cinco).

3 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

A presente pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso tendo como objetivo, um melhor entendimento no sentido de indicar novos subsídios, que possam favorecer o atendimento das necessidades formativas de estudantes do Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA de Canoinhas, que encontram-se neste contexto de diversidades. Um estudo de caso, “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2002, p. 54).

O estudo de caso apresenta vários propósitos de utilização:

- a) Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) Preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- c) Descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- d) Formular hipóteses ou desenvolver teorias; e
- e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2002, p. 54).

A pesquisa teve características de estudo descritivo, onde procurou conhecer a realidade estudada, suas características, seus problemas, pretendendo descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS 1987, *apud* ZANELLA 2006, p. 31).

Quanto à abordagem, a pesquisa teve caráter qualitativo, em que o pesquisador buscou perceber aquilo que os respectivos sujeitos deste estudo experimentam, o modo como

interpretam suas experiências e como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem. É pela perspectiva qualitativa que: “[...] um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte integrada, permitindo “captar” o fenômeno em estudo, a partir das perspectivas das pessoas envolvidas” (ZANELLA, 2006, p. 35).

Para Zwierewicz (2014, p. 44): “A abordagem qualitativa é fundamental para a compreensão de particularidades, possibilitando a exteriorização da subjetividade, sem a necessidade de assegurar a homogeneidade dos resultados”. Na abordagem qualitativa o pesquisador pode optar em elaborar entrevistas ou questionários, para coletar as percepções das amostras da população a ser estudada.

4 CONTEXTO DA PESQUISA

A presente pesquisa realizou-se no Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA de Canoinhas- SC, situado na rua Barão do Rio Branco, nº1182, no centro de Canoinhas- SC, com a autorização do grupo gestor da respectiva Unidade Escolar. A equipe pedagógica do CEJA foi o elo para a otimização desta pesquisa, principalmente no que diz respeito ao tempo adequado para a aplicação dos questionários.

A pesquisa apresentou-se em um período propício para a otimização dos resultados, sendo que o referido grupo de alunos iniciou as disciplinas no mês de agosto de 2014, e os questionários foram aplicados em dezembro de 2014, o tempo de convívio entre o início da turma e a aplicação dos questionários, permitiu que os alunos e professores se conhecessem melhor, podendo assim formar uma opinião com mais qualidade sobre os objetivos da pesquisa.

5 TÉCNICA E/ OU INSTRUMENTO DE PESQUISA

Foram utilizados nesta pesquisa um questionário contendo 17 (dezesete) perguntas, sendo, 13 (treze) perguntas abertas e 04 (quatro) perguntas fechadas aos respectivos alunos. Aos professores, o questionário conteve 10 (dez) perguntas abertas, com a finalidade de obter respostas que permitam conhecer melhor a realidade da EJA, com diferentes faixas etárias em uma mesma sala de aula.

As perguntas foram elaboradas de acordo com o perfil da turma, para não afetar a qualidade do resultado, e oferecidos aos alunos e professores para que respondessem sem a

presença do pesquisador durante as aulas, com maior liberdade, e recolhidos ao seu término. Segundo Marconi e Lakatos (1999, p. 200), a entrevista através de questionário “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.”

Para a revisão bibliográfica foi feita uma seleção tendo como critério autores que trazem em seu contexto assuntos inerentes ao tema tratado na pesquisa. Foram utilizadas publicações avulsas, revistas, livros, periódicos, artigos, e monografias pesquisados na internet.

6 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população da pesquisa caracterizou-se pelos alunos matriculados e frequentando uma turma do Ensino Médio Noturno no Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA de Canoinhas; composta por 17 (dezessete) alunos trabalhadores autônomos, empregados, desempregados, e donas de casa com idades entre 18 (dezoito) e 51 (cinquenta e um) anos, sendo, 14 (quatorze) do sexo feminino e 3 (três) do sexo masculino.

Também fizeram parte deste estudo de caso 3 (três) professores, 1 (um) do sexo masculino e 2 (dois) do sexo feminino, responsáveis pelas disciplinas ministradas nesta turma. A turma iniciou 3 (três) disciplinas em 01/08/14, e concluiu as mesmas em 20/12/14.

A amostra utilizada para este estudo de caso foi composta por todos os alunos da referida turma, em número de 17 (dezessete) alunos. A respectiva turma foi escolhida para a presente pesquisa pelo fato de formar um conjunto de idades bem diversificado, eis que a diferença entre o aluno mais novo e o mais velho é de 33 (trinta e três) anos. Verificou-se assim a importância em utilizar todos os alunos para este estudo. Os professores participantes da pesquisa foram os ministrantes das disciplinas, em número de 3 (três), sendo que os alunos do Ensino Médio cursam três disciplinas em cada semestre, definidas pelo setor pedagógico do CEJA.

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram elaborados após análise dos questionários aplicados na Turma 01 do Ensino Médio Vespertino do Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA de Canoinhas. A turma, composta por dezessete alunos e três professores responsáveis pelas

disciplinas no segundo semestre de 2014 da referida turma, tempo em que ocorrem as disciplinas do Ensino Médio.

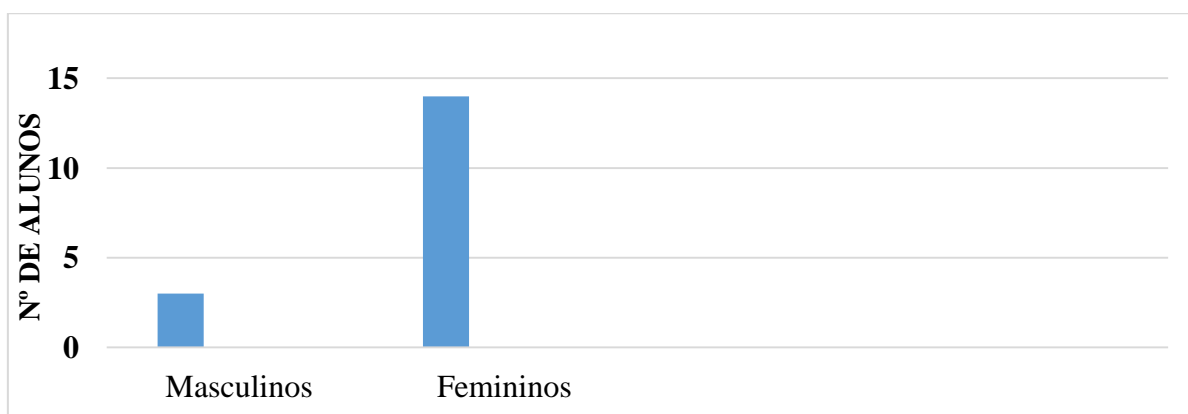
Professor A: 36 (trinta e seis) anos. Pós graduada em História, trabalha há 10 (dez) meses no CEJA.

Professor B: 44 (quarenta e quatro) anos. Graduado em Matemática, Química e Física. Trabalha há 7 (sete) anos no CEJA.

Professor C: 47 (quarenta e sete) anos. Pós graduada em Geografia e Filosofia. Efetiva há 12 (doze) anos no CEJA.

Gênero dos alunos: A turma em estudo apresentou-se composta com mais mulheres do que homens. Apesar desta composição, a turma foi escolhida para a pesquisa por ser a mais diversificada em idades. Por ser uma turma que funciona no período vespertino, a maioria dos alunos trabalha no período da manhã. Muitas mulheres deixam seus filhos em suas escolas podendo assim frequentar o CEJA no período da tarde, como mostra o gráfico 01:

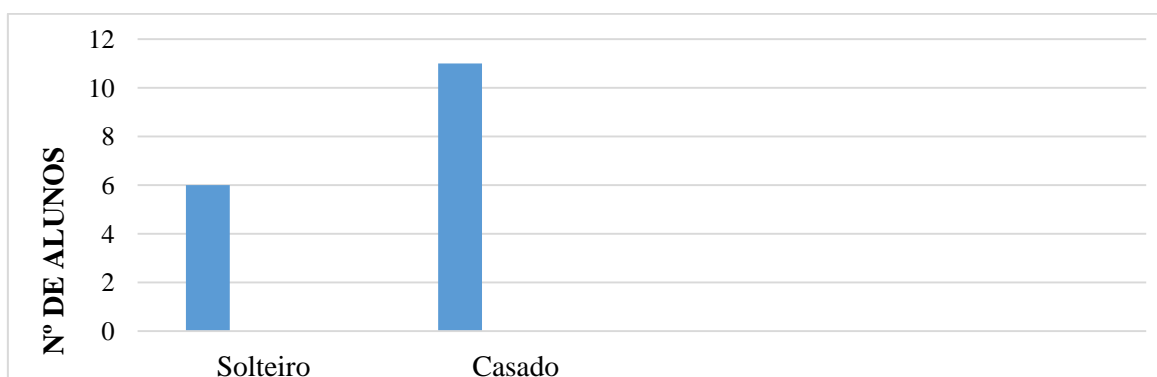
Gráfico 01: gênero



Fonte: elaborado pelo autor

Estado civil: Dos dezessete alunos que cursaram a turma, onze são casados, mostrando que buscam o conhecimento a fim de ter o certificado do Ensino Médio visando uma chance de progredir através do estudo. Analisando o gráfico 02, constata-se que existem mais alunos casados estudando na turma.

Gráfico 02: estado civil

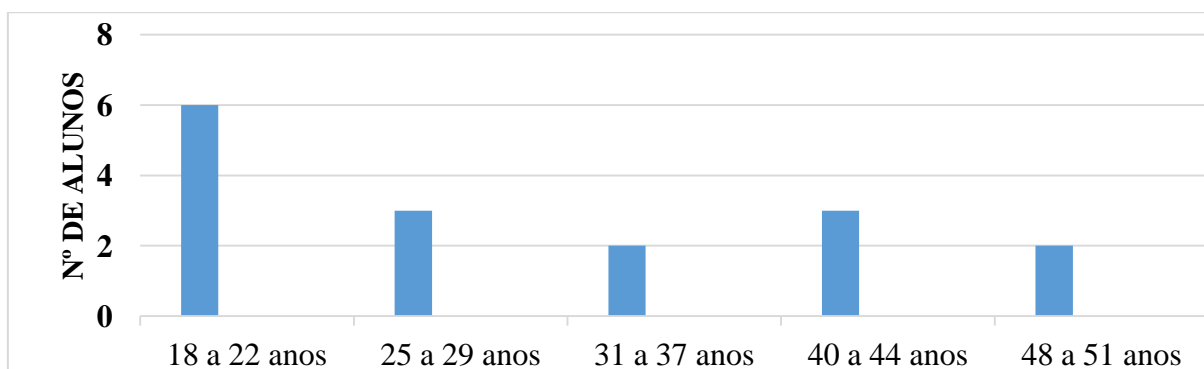


Fonte: elaborado pelo autor

Existência de grupos entre 18 (dezoito) a 50 (cinquenta) anos ou mais: Verificou-se nesta turma do ensino médio a existência de alunos que vão de 18 (dezoito) anos até 51 (cinquenta e um) anos. Observando o gráfico 03 pode-se verificar também, o grande número de alunos de faixa etária menor, entre 18 (dezoito) a 22 (vinte e dois) anos, que buscam na EJA uma forma de concluir seus estudos de forma mais rápida, e terem o certificado para ingressar no mercado de trabalho.

Esse dado vem ao encontro de Gonçalves (2014), quando comenta que o aluno atribui a conclusão do curso e a obtenção do certificado ao sucesso da EJA. Ainda neste gráfico verifica-se o ingresso de alunos cada vez mais jovens na EJA, conforme nos relata Ramos e Brezinski (2014) que a Resolução n.3/2010, que institui as Diretrizes Operacionais para a EJA, a qual diminuiu a idade para o ingresso na EJA de 18 (dezoito) para 15 (quinze) anos (Ensino Fundamental), e de 21(vinte e um) para 18 (dezoito) anos (Ensino Médio). Assim as salas de aula do Ensino Médio passam a compor-se de uma variedade de idades que vão desde 18 (dezoito) até 50 (cinquenta) anos ou mais.

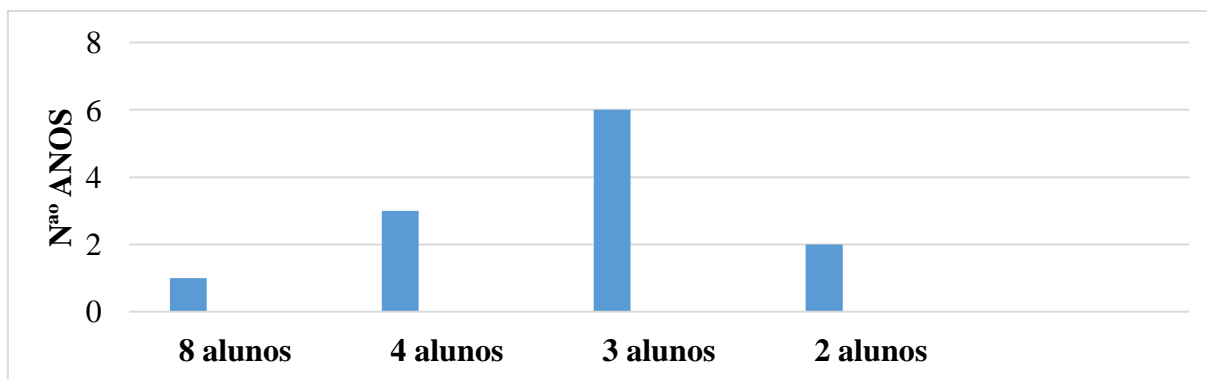
Gráfico 03: faixas etárias



Fonte: elaborado pelo autor

Tempo que estudam no CEJA: O gráfico 04 revela que a maioria dos alunos está há pouco tempo no CEJA, e fazem parte do grupo que possui idade menor. Ao analisar os gráficos 03 e 04, percebe-se também que o aluno busca mais cedo terminar seus estudos no CEJA.

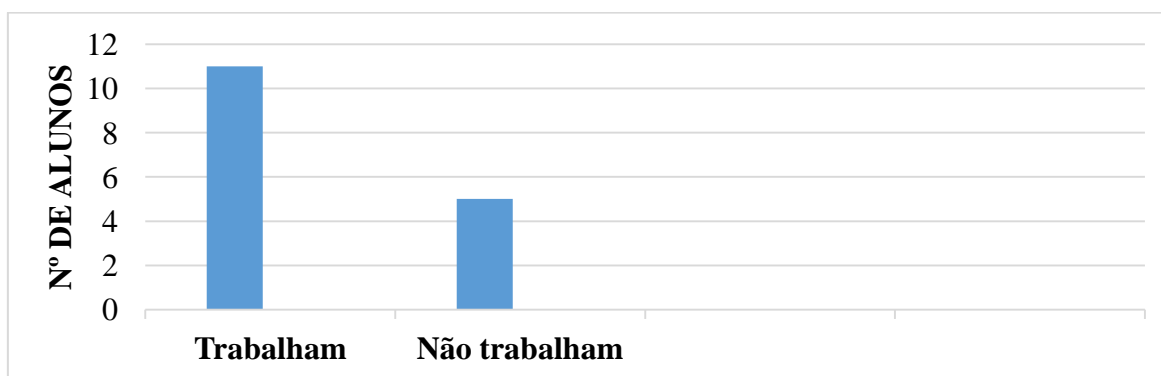
Gráfico 04: Tempo que estudam no CEJA



Fonte: elaborado pelo autor

Trabalhadores: O gráfico 05 mostra que a maioria dos alunos pesquisados estão no mercado de trabalho efetivamente empregados, o restante está desempregado, mas à procura de trabalho. Os que já estão trabalhando, continuam estudando para maior qualificação e garantir seu emprego e os que não estão trabalhando, voltaram a estudar para conseguir uma vaga no mercado de trabalho através do certificado. Nas palavras de Gevaerd e Oliveira (2009, p. 88), “o jovem retorna à escola à procura de qualificação visando à ascensão social”.

Gráfico 05: Trabalhadores

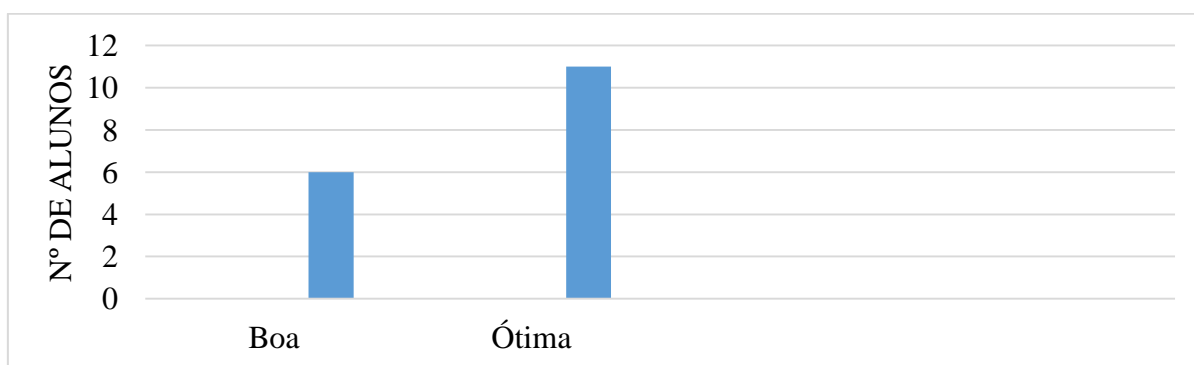


Fonte: elaborado pelo autor

Aprendizagem: Quanto ao nível de aprendizagem, o gráfico 06 aponta que a maioria dos alunos entendem sua aprendizagem como boa ou ótima, afirmam que gostam de estudar no CEJA mais do que quando estudavam em escolas regulares. Sentem-se mais

compreendidos pelos professores, que os tratam com mais humanidade. Lima (2014, p. 63), corrobora com esta afirmação ao defender que a escola não é detentora do saber, e que o ensino mútuo entre aluno e professor seja mais amplo com a troca de experiências. Afirma ainda neste sentido que, “a validação do que eles aprenderam fora dos bancos escolares deve ser considerada. Isso implica na possibilidade de utilização de tempos e espaços diferenciados daqueles utilizados no ensino dito regular.”

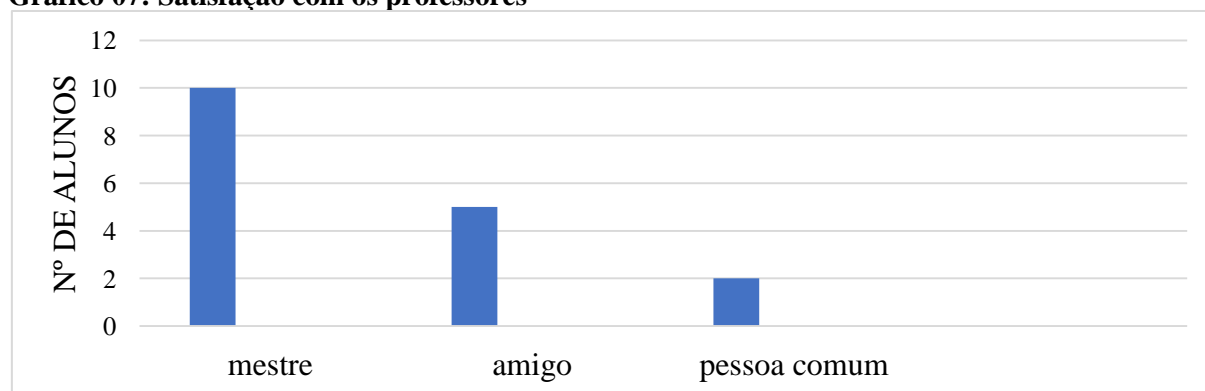
Gráfico 06: Aprendizagem



Fonte: elaborado pelo autor

Satisfação com os professores: Como mostra o gráfico 07, os alunos responderam que estão satisfeitos com a forma com que os professores desenvolvem as aulas. A maioria entende o professor como um mestre, como um amigo e a minoria o vê como uma pessoa comum. A troca de informações aproxima educando e educador favorecendo um entendimento entre as partes. Leite e Gazoli (2014) apontam que a escola precisa fazer uso de estratégias de acolhimento para estimular no grupo um clima de convivência e afeto, instigando entre os alunos o diálogo para que aconteça um enriquecimento de conhecimento com a troca de experiências entre os alunos e entre alunos e professores.

Gráfico 07: Satisfação com os professores



Fonte: elaborado pelo autor

A interrupção dos estudos: Questionados se em alguma fase da vida tiveram de interromper os estudos, todos responderam que sim. Questão esta, que veio ao encontro com o que relata Krawczyk (2009), ao dispor que para alguns grupos, deixar de concluir o ensino básico é algo impensável; o problema está nos grupos onde a educação básica não faz parte do que lhes é importante cultural e socialmente, nem de sua experiência familiar e, desse modo, esses jovens, geralmente não são incentivados, nem cobrados para continuar os estudos.

A maioria dos alunos mais velhos afirmou que parou de estudar por precisar trabalhar, com o intuito de ajudar a família, alguns pelo fato de morar em localidades distantes e não dispor de transporte público para se deslocarem até as escolas dos centros urbanos. Comentaram também que na EJA, já desistiram de alguma disciplina pela inexperiência do professor, eis que esta fazia com que os alunos não entendessem a matéria, sentiam muita falta de atenção por parte do professor que os tratava como se estivessem no “ensino regular”, passava a matéria no quadro e não explicava direito.

Ainda sobre a interrupção dos estudos, Gevaerd e Oliveira (2009, p. 87), também comentam que não se pode chamar esta interrupção de “evasão” atribuindo o significado banal encontrado nos dicionários como: “evadir, fuga, escapada”. Os autores entendem que seria mais adequado “[...] usar o termo evasão escolar como **o abandono do aluno pela escola**”. Os alunos foram unânimes ao responder que o que os influenciou a voltar a estudar foi a ânsia de conseguir um emprego melhor pelo desejo de mudar sua vida e de sua família.

Incentivo da família: O incentivo da família é muito importante para que o aluno adulto não desanime e volte a estudar, para que possa ter a chance de conseguir um emprego melhor. A maioria dos alunos respondeu que receberam da família (pai, mãe, esposo, esposa e filhos) o incentivo para retomar os estudos, e não desistir. Como pode ser constatado nesta pesquisa, a família tem um peso significativo nas decisões de seus membros, tanto pode incentivar a desistir como para voltar e continuar os estudos.

Formação de amizades: Todos os alunos responderam que consideraram fácil a formação de amizades, e que o ambiente dentro da sala de aula é agradável. Os alunos afirmam que o fato de ter colegas de idades diversas na sala de aula é bom, porque a troca de ideias entre pessoas mais experientes é um fato positivo, permite um entrosamento melhor, compartilham seus problemas, suas vitórias e derrotas na vida, seus saberes.

A troca de ideias e experiências entre eles, permite que se ajudem mutuamente, propiciando a formação de novas amizades. Kern e Aguiar (2014, p. 26), afirmam que este

cenário de diversidade, que agora faz parte da EJA “[...] revela as múltiplas raízes sociais, culturais e políticas que possibilitam os diálogos entre esses, em especial na sala de aula”.

Os professores responderam os questionários contendo dez questões subjetivas, onde foi possível verificar vários pontos importantes para atingir os objetivos desta pesquisa.

Adaptação na modalidade de EJA: Por atender um público diferenciado da educação básica, a educação de jovens e adultos é uma modalidade diferente, neste contexto os professores foram questionados sobre a dificuldade em adaptar-se nesta modalidade. Eles concordam que encontraram muitas dificuldades de adaptação quando ingressaram no CEJA, mas com o passar do tempo adquiriram experiência em trabalhar com alunos adultos, comentam ainda que as aulas poderiam ser mais longas, pois os alunos adultos têm mais dificuldade em assimilar os assuntos; são na maioria trabalhadores e sentiram a falta do estudo e agora dão mais valor.

A opinião dos professores vem ao encontro do que pensa Gadotti (2014, p. 17), quando comenta que “É preciso respeitar o aluno, utilizando-se uma metodologia apropriada, que resgate a importância da sua biografia, da sua história de vida”.

A existência de conflitos: Os professores identificaram a existência de conflitos nas turmas com diversas faixas etárias, observam que são conflitos relacionados às diferenças de idades. As ideias e os interesses são outros, os mais novos absorvem mais rápido os assuntos. Muitas vezes os professores precisam explicar a disciplina com um vocabulário em que os mais velhos possam entender melhor, assim, não raro, as aulas ficam cansativas para os alunos mais jovens.

A diversidade de opiniões pode causar conflitos negativos entre os alunos, para que isto não ocorra, a promoção de diálogos entre a turma é importantíssimo. Zandonai (2009, p. 8) comenta que os conflitos devem ser encarados “[...] com naturalidade, estimulando os valores, a tolerância, a igualdade e criando um juízo crítico, estimulando uma capacidade para inovar com a procura de novas soluções.” Verifica-se nas palavras de Rodrigues e Silva (2014, p. 39), que a existência de conflitos exige que os professores promovam o diálogo entre o grupo, observando que, “respeitar e conviver possuem sentidos diferentes e que, no espaço escolar, o respeito pode haver sem nenhuma interação, ou seja, apesar de não concordar com a outra pessoa, é importante respeitar o jeito dela”.

O processo de ensino aprendizagem: Os professores afirmam que os mais velhos querem entender o assunto das aulas e o interesse dos mais novos é somente obter o certificado. Assim, muitas vezes estes conflitos interferem no processo de ensino e

aprendizagem, o professor vê a necessidade de sair do contexto da disciplina para atrair a atenção dos alunos, ele precisa ser criativo para que as aulas contemplem todos. Os mais novos estão mais próximos das tecnologias, e não tem dificuldades em entender ou pesquisar o assunto da disciplina, já os mais velhos precisam ser atendidos com mais atenção.

É neste momento que o professor intermedeia a troca de ideias entre os alunos, usando os saberes trazidos pelos mais velhos para enriquecer as aulas e atrair o interesse dos mais novos. Muitos assuntos das disciplinas vem ao encontro da realidade dos alunos, e as opiniões deles se apresentam importantes para o aprendizado, permitindo que todos os alunos se respeitem e as aulas se tornam mais proveitosas. Esta interação mais acentuada entre professores e alunos de EJA entra em concordância com as palavras de Freire (1987, p. 29): “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”.

Desistência dos alunos: Ao serem questionados em relação à desistência dos alunos, os professores afirmaram que as diferenças etárias dentro das salas de aula não se mostram como motivo para a desistência dos alunos. O que contribui para que o aluno desista é a dificuldade em conciliar os estudos com o trabalho, pois é difícil conciliar os horários do trabalho com as aulas visto que nem sempre conseguem sair do trabalho e passar em sua casa para tomar um banho, trocar de roupa e se alimentar antes de ir para a escola. Isso acarreta chegadas tardias e o aluno não consegue acompanhar bem as aulas, levando-o a desistência temporária do curso.

Para corroborar com esta afirmativa, Gadotti (2014, p. 22-23), disserta que “a frequência do aluno trabalhador jovem e adulto é um grande desafio para as políticas públicas de EJA”. Segundo o autor, depois de um dia de trabalho, o aluno além de chegar cansado, encontra salas de aulas inadequadas para adultos: Iluminação precária, falta de lanche, professores despreparados para trabalhar com alunos adultos.

Metodologia de EJA: Quanto à metodologia usada na EJA, os professores opinaram que uma metodologia que contemple mais o aluno trabalhador seria interessante. Uma maior flexibilização de horários, principalmente porque temos alunos que trabalham por turnos temporários, e quando muda de turno, perde a disciplina, pois não encontra a mesma disciplina em outro horário que o contemple.

Os professores sentem a falta de cursos direcionados à qualificação em Educação de Jovens e Adultos; os que possuem mais tempo de EJA adquiriram experiência com o tempo dentro da própria instituição, mas reclamam um curso na área, principalmente com a diversidade de idades que agora se apresenta na EJA.

Outra questão que os professores apontam é que a EJA é muito carente de recursos, os alunos já foram excluídos de um sistema de ensino e merecem um ambiente mais acolhedor não só pelas pessoas, mas também na estrutura material, salas maiores e mais estruturadas, e recursos tecnológicos, ainda tão pouco explorados pela EJA. Gadotti (2014, p. 21), corrobora com esta afirmação ao comentar que “Os alunos sentem-se desconfortáveis com um currículo centrado no domínio da cultura letrada, não levando em consideração o quanto as novas Tecnologias da Comunicação são necessárias”.

Os autores Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001, p. 70), denotam sobre a importância das políticas públicas voltadas para a da EJA serem mais abrangentes, buscando formas de atender as necessidades formativas dos jovens e adultos afastados da escola. Segundo os autores “as políticas de formação de pessoas adultas deverão ser necessariamente abrangentes, diversificadas e altamente flexíveis”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os aspectos estudados nesta pesquisa, em que foram aplicados questionários aos alunos e professores de uma turma do Ensino Médio do período diurno no Centro de Educação de Jovens e adultos de Canoinhas, e também a bibliografia de autores que trazem assuntos englobando o tema que foi abordado neste estudo, foi possível constatar a existência de uma grande diversidade de faixas etárias na turma pesquisada.

Dependendo de como o professor conduz os trabalhos em sua disciplina e o convívio em sala de aula, esta diversidade não interfere negativamente para o sucesso no processo de ensino aprendizagem dos alunos adultos. Os sujeitos adultos quando procuram a EJA para concluir o Ensino Médio, o fazem principalmente para obter o certificado que os ajudem a ingressar no mercado de trabalho. Sendo assim eles se respeitam em sala de aula e se ajudam, formam amizades e vêm na imagem do professor um aliado na busca de uma vida melhor.

O compartilhamento com os professores, das histórias de vidas dos alunos mais velhos, com os mais jovens, os aproximam e os fortalecem, se aconselham e se estimulam a não desistirem de estudar para conseguir uma condição de vida melhor, ajuda a recuperar sua autoestima e cidadania. Para esta situação é interessante citar as palavras de Freire (1987, p. 29): “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.”

É notório que a participação dos professores é imprescindível no processo de socialização entre o grupo, pois a diversidade de idades vem acompanhada de um conjunto de interesses diversos, comportamentos, raças, etnias, sexualidade e outros. O professor precisa estar preparado para atender e compreender o aluno adulto, e as aulas devem ter o intuito de cativar o aluno fazendo-o se sentir acolhido.

Os fatores que proporcionam atritos e conflitos quando não são bem conduzidos podem trazer a negatividade, promovendo a desistência de alunos e também de professores. Por isso os professores de EJA entendem sua função de mediadores dos conflitos, interagindo com os alunos e utilizando suas vivências e as dos alunos como um elo que permita um aprendizado prazeroso para todo o grupo.

Assim, concluo este artigo reforçando que na EJA, é preciso focar nas estratégias de acolhimento do aluno e na adoção de metodologias que contemplem o aluno trabalhador, sendo que esta é a finalidade desta modalidade de ensino. Porém a diminuição da idade mínima para o ingresso na EJA apresenta-se como um novo desafio para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem, sendo que para o professor esta é a maior dificuldade encontrada em suas carreiras de trabalho na EJA.

Sem a oferta de cursos preparatórios, direcionados à Educação de Jovens e Adultos, os professores continuarão adaptando suas aulas com a ajuda da equipe pedagógica, conforme a diversidade de idades vai se apresentando nas turmas.

Sendo que na Educação de Jovens e Adultos não há um modelo único de atendimento que acolha a todas as especificidades do público, a importância da adequação das propostas curriculares de EJA às necessidades educativas dos educandos não se restringem apenas à flexibilização dos horários de entrada e saída, nem a dificuldade de estarem presentes diariamente nos cursos de Educação de Jovens e Adultos.

A permanência dos alunos está relacionada ao interesse destes em uma promessa de mudança em sua condição de vida, seja ela social ou pessoal. Essa mudança depende de estratégias usadas na escolarização de jovens e adultos, através de um esforço conjunto de uma equipe que valorize o aluno adulto. O processo de escolarização como um espaço de socialização, contribui na formação do sujeito crítico, permitindo que ele desenvolva seus saberes através das práticas e vivências trazidas em sua bagagem de vida, bagagem esta, às vezes longa e às vezes pequena, dependendo da idade dos sujeitos.

Para estes e por estes sujeitos que produzem riqueza para o mundo, é necessário que haja mais comprometimento na busca de políticas públicas que possibilitem a diminuição da

dívida social, transformando uma educação com justiça, para a transformação de indivíduos sem perspectivas em pessoas preparadas para o mundo (KERN, 2014).

REFERÊNCIAS

BELLO, José Luiz de Paiva. Pedagogia em foco. **Metodologia Científica**, Rio de Janeiro. 2004. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met01.htm> Acesso em 26 de jun. 2014.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação de 2014**. Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/doc/pne-2014-20241.pdf> Acesso em: 16 jul. 2014.

MEC. **Documento Base do PROEJA**: Educação Profissional Técnica de Nível Médio/Ensino Médio. Brasília: SETEC, DF, 2007.

CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – CEJA. **Projeto Político Pedagógico. PPP**. Canoinhas: Ceja, 2014.

LEITE, Antonio da Silva; GAZOLI, Daniela Gobbo Donadon. Afetividade no processo de alfabetização de jovens e adultos. **EJA EM DEBATE**, Florianópolis, v.1, n. 1, p. 79-104.nov. 2012.

DI PIERRO, M.C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 55, novembro/2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf>. Acesso em 19 mai 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GEVAERD, Esterzinha A.P.; OLIVEIRA, Sidnei Dias de. **PROEJA: O Aluno**. Florianópolis: Publicação do IFSC, 2009. 80p.: Il; 14,8X21,10cm.

GADOTTI, Moacir. **Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, Fundação Santillana, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Rita de Cassia Pacheco. **Processos pedagógicos para permanência e êxito**. Florianópolis: IFSC, 2014, 76 p.:il. ; 28cm.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, Mai/Jun/Jul/Ago 2000 Nº 14. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n14/n14a07.pdf>. Acesso em 19 mai 2014.

KERN, Caroline; AGUIAR, Paula Alves de. **Sujeitos da Diversidade**. Florianópolis: IFSC, 2014. 83 p. : il; 28cm.

KRAWCZYK, Nora. **O ensino Médio no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2009. (Em Questão, 6). Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2342/1/emquestao6.pdf>. Acesso em: 15 abr 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Pulo: Atlas,1999.

LIMA, José Fernandes de. Perspectivas da Educação de Jovens e Adultos. **EDUCATRIX**, São Paulo, v. 2, n. 4, p.58-63. 2014.

PORTAL BRASIL. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2013/11/mec-cria-grupo-para-examinar-cao-de-evasao-escolar>. Acesso em 08 fev. 2015.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Atlas do desenvolvimento humano no Brasil 2013. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/idhm-educacao.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2015.

RAMOS, Elenita Eliete de Lima; BREZINSKI, Maria Alice Sens. **Legislação Educacional**. - 2. ed.-78p.: il;28cm. Florianópolis: IFSC, 2014.

RODRIGUES, Jucelia Oliveira; Melissa Cardoso da. EJA, espaço para aprender, fazer e ser.... **EDUCATRIX**, São Paulo, v. 2, n. 4, p.35-40. 2014.

THIESEN, Juarez da Silva. **Política curricular**: discursos, (com)textos e práticas. 1 ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

ZANDONAI, Vilma Agatti. **Diferentes olhares em relação aos conflitos no processo de ensino e de aprendizagem**/ Vilma Agatti Zandonai; orientadora Daniela Brun Menegotto. – Bento Gonçalves, 2009.18 f. Trabalho de conclusão (Especialização) **Universidade** Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós- Graduação Especialização em Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.2009, Porto Alegre, BR-RS.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2006.

ZWIEREWICZ, Marlene. **Seminário de pesquisa e intervenção I**. Florianópolis: IFSC, 2014.86 p. : il. ; 28 cm

¹Dados da autora

Nome: Rosi Margarete Dranka de Paula e Silva

Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC

Formação: Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA

Contato: rosi.ceja@hotmail.com

ANEXO A- QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
INTEGRADA À EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS – PROEJA**

ALUNA: ROSI MARGARETE DRANKA DE PAULA E SILVA

Objetivo da pesquisa:

Verificar como o professor do CEJA, trabalha com as diferentes de faixas de idades e comportamentos na mesma sala de aula.

Professor: sua colaboração respondendo este questionário, é muito importante para que os resultados deste estudo de caso sejam atingidos.

Idade:

Formação:

Tempo em que atua na EJA:

1-A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade diferente por ser direcionada ao atendimento de jovens e adultos; você encontrou dificuldades em adaptar-se a essa modalidade como professor?

2- Pelo seu tempo de EJA, você tem observado um aumento no número de alunos mais jovens em suas turmas?

3- Você identifica a existência de diversas formas de conflitos (Comportamentais, sociais, de interesses...) entre seus alunos dentro da sala de aula?

4-Em sua opinião, estes conflitos surgem em função da diferença de idade entre os alunos, diferenças sociais, diferenças de interesses, ou outros?

5- Você percebe que estes conflitos interferem no processo de ensino - aprendizagem dos alunos em sala de aula?

6- Você tem encontrado dificuldades para trabalhar com estas diversidades etárias? O interesse dos alunos é o mesmo?

7- Você entende que as diferenças etárias existentes na EJA, contribuem para a desistência de muitos alunos?

8- Quanto aos alunos; você valoriza e utiliza seus saberes trazidos para a sala de aula?

9- A troca de experiências entre as pessoas pode possibilitar uma convivência melhor e também um enriquecimento de ideias em seu cotidiano; em sua turma de EJA, você identifica esta troca de experiências entre os alunos? E entre aluno e professor?

10- Em sua opinião a metodologia usada na EJA, está adequada às necessidades do aluno, ou poderia ter alguma alteração para favorecer o aluno?

ANEXO B- QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

**INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
INTEGRADA À EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS – PROEJA
ALUNA: ROSI MARGARETE DRANKA DE PAULA E SILVA**

Objetivo da pesquisa:

Verificar com o aluno do CEJA, as diferentes faixas de idades e comportamentos na mesma sala de aula.

Aluno: sua colaboração respondendo este questionário, é muito importante para que os resultados deste estudo de caso sejam atingidos.

1º) Qual sua idade?

R: _____

2º) Qual o seu sexo?

Masculino Feminino

3º) Qual o seu estado civil?

Solteiro Casado Separado/divorciado Outros

4º) Até que série você estudou em escola regular?

R: _____

5º) Há quanto tempo é aluno do CEJA?

R: _____

6º) Você trabalha?

Sim Não

7º) Você tem incentivo da sua família para estudar?

Sim Não

8º) Dentro da sala de aula, como você considera a formação de amizades com os colegas

? Fácil Difícil

9ª) Em sua opinião, o ambiente dentro da sala de aula é agradável?

Sim Não

10º) O que mais influenciou você para voltar a estudar?

R:

11º) Em alguma fase de sua vida, teve que interromper seus estudos?

Sim Não **Por que?**

12º) Como está sendo sua aprendizagem?

regular boa ótima

13º) Você está satisfeito com a forma que os seus professores desenvolvem as aulas?

Sim Não

14º) Como você percebe seu professor?

Uma pessoa comum Uma pessoa despreparada Um amigo Um mestre

15ª) Em sua opinião, o fato de ter colegas de diferentes idades na mesma sala é bom?

Sim Não

16ª) Você acha que pode ocorrer uma troca de ideias e experiências de vida com colegas de mais idade ou menos que você?

Sim Não

17ª) Como foi a sua adequação em uma turma do CEJA com alunos de diversas idades?

difícil fácil